

Superintendência Regional de Educação	Linhares
Categoria	Boas Práticas na Sala de Aula
Autor	Rodrigo Da Vitória Gomes
Escola	EEEFM Prof Manoel Abreu
Título do Relato de Prática	Feira de Ciências na Prisão: escritórias de resistência, aprendizagem e transformação.
Período de realização	Fevereiro a Setembro de 2025.

RESUMO

Viver a Feira de Ciências em uma escola pública estadual situada dentro de uma unidade prisional de regime fechado foi transformar muros em pontes de conhecimento. O objetivo central da prática foi humanizar a educação em Ciências da Natureza, utilizando a ciência como ferramenta de ressocialização, recomposição de aprendizagens e valorização da dignidade humana. A metodologia adotada seguiu os princípios da pesquisa-ação, com planejamento participativo, escolha coletiva de temas, desenvolvimento de projetos interdisciplinares e culminância em feira expositiva realizada no pátio da unidade. Participaram aproximadamente

300 estudantes internos, distribuídos em 12 turmas de EJA Fundamental e Médio, que desenvolveram cerca de 50 projetos conectados tanto ao cotidiano prisional quanto a desafios globais, como mudanças climáticas e preservação da biodiversidade. A Matemática, articulada à Química, Física e Biologia, deixou de ser abstrata e se materializou em cálculos, experimentos, tabelas e gráficos, fortalecendo o raciocínio lógico-científico. Os resultados apontaram para um engajamento inédito: estudantes antes desmotivados assumiram papel de protagonistas, apresentando seus projetos a professores, familiares, comunidade externa e uma banca avaliadora composta por mestres e doutores. Do ponto de vista qualitativo, a feira se consolidou como prática de liberdade, ao favorecer protagonismo, cooperação e autoestima; do ponto de vista quantitativo, mobilizou 12 turmas, 300 estudantes e resultou na implementação de cinco projetos com impacto concreto no cotidiano da unidade. Concluimos que a prática pode ser aplicada em outras escolas, dentro e fora do cárcere, como estratégia de popularização da ciência, inclusão social e formação cidadã, demonstrando que o conhecimento científico, quando vivido em forma de escrivência, é capaz de romper estigmas e abrir caminhos para a transformação individual e coletiva.

RELATO DE PRÁTICA

1. ENTRE GRADES E SABERES: O CHÃO DE ONDE PARTIMOS...

Escrevo esta experiência não apenas como professor, mas como alguém que todos os dias atravessa os portões de ferro e sente no corpo o peso das grades. Falar de educação em prisões, para mim, é falar de vidas que foram silenciadas pelo abandono, pela desigualdade e pela exclusão escolar. É olhar nos olhos de homens que carregam histórias interrompidas, sonhos engavetados e uma identidade constantemente marcada pelo estigma de “criminoso”. No entanto, dentro da escola do cárcere, percebo lampejos de esperança: a sala de aula se torna janela aberta, espaço de respiro, lugar onde é possível recuperar a autoestima e reinventar a própria trajetória.

Foi nesse chão duro, mas fértil de possibilidades, que nasceu a ideia criar uma Feira de Ciências e Mostra Científica. Não surgiu como evento isolado, mas como um movimento pedagógico contínuo, tecido ao longo do ano letivo, atravessado por desafios e pela necessidade de resistir. A cada etapa, buscávamos ressignificar a escola prisional, transformando-a em lugar de protagonismo estudantil, de pensamento crítico e de produção de conhecimento. Mais que apresentar trabalhos, queríamos popularizar a ciência dentro dos muros e mostrar que também ali ela pode florescer como instrumento de cidadania e dignidade.

Conheço de perto essa realidade. Segundo o DEPEN (2023), mais de 70% da população prisional brasileira não concluiu o ensino fundamental, e apenas 12% chegou ao ensino médio. No Espírito Santo, a SEJUS (2024) reafirma o retrato: a maioria tem entre 20 e 45 anos, são negros e vem de periferias, carregando no corpo o peso do desemprego e da evasão escolar. São trajetórias marcadas pelo analfabetismo funcional e por defasagens de aprendizagem que, muitas vezes, os reduzem à condição de “irrecuperáveis”. Mas foi exatamente contra essa lógica que decidimos lutar: mostrar que dentro da prisão existem sujeitos de direitos, capazes de pensar, criar e transformar.

Assim, a prática nasceu do olhar atento de um professor de Química sonhador, que percebeu como os estudantes se envolviam quando podiam experimentar, investigar e criar. Mesmo sem laboratório, sem internet e com recursos escassos, descobrimos que havia ali um terreno fértil: curiosidade transformada em projetos, dificuldades que viravam soluções criativas, hipóteses que se tornavam vida.

Levar ciência para dentro das prisões é mais que atividade escolar; é ato político e de resistência. É também oração laica, exercício de fé no humano e em sua capacidade de aprender. É afirmar que esses sujeitos, tantas vezes reduzidos ao estigma, podem ser reconhecidos como cidadãos críticos, criativos e capazes de contribuir socialmente. Foi isso que vimos acontecer: estudantes internos que, ao apresentar seus projetos, ressignificavam suas trajetórias, recompondo aprendizagens e mostrando ao mundo que aprender ainda era possível — mesmo entre grades e muros.

Nosso público foram os estudantes da Educação de Jovens e Adultos - EJA regular e da EJA integral Técnica em Logística. O objetivo maior sempre foi humanizar a educação prisional por meio da cultura científica, articulando conteúdos de Química, Física, Biologia e Matemática ao

cotidiano da prisão, além de contribuir para a recomposição das aprendizagens e fortalecer competências científicas, investigativas e socioemocionais.

Foram muitos os desafios: a evasão, a desmotivação, a falta de materiais e a constante rotatividade dos internos. Mas, a cada obstáculo superado, crescia em nós o sentimento de pertencimento e, neles, a valorização pessoal. Vi nos olhos dos estudantes algo que não esqueço: orgulho e segurança ao serem reconhecidos como produtores de saber. E as expectativas sempre foram ambiciosas: despertar o interesse pela ciência, estimular o trabalho coletivo e, sobretudo, oferecer uma experiência capaz de ressignificar trajetórias. Foi isso que se concretizou: a feira se tornou espaço de recomposição das aprendizagens, mas também de reconstrução de sentidos de vida.

Do ponto de vista institucional, o projeto dialogou com as prioridades da educação pública estadual — inclusão, recomposição das aprendizagens, cultura digital e educação integral — e também se alinhou aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, em especial o ODS 4 (Educação de Qualidade), o ODS 10 (Redução das Desigualdades) e o ODS 16 (Paz, Justiça e Instituições Eficazes).

Hoje, posso afirmar que a Feira de Ciências não foi apenas uma prática pedagógica. Foi escrevivência coletiva, um movimento de reconstrução e de resistência. Mostrou que, mesmo entre grades e muros, a educação pode florescer como prática de liberdade (FREIRE, 1996). Assim, transformar é possível quando a escola se torna ponte entre conhecimento, humanidade e ressocialização.

1.1 Caminhos que nos trouxeram até aqui: Por que contar esta história?

O projeto nasceu de uma inquietação que me acompanhava desde os primeiros dias em que entrei para lecionar no cárcere. Sempre senti que a educação ali não poderia se restringir à transmissão de conteúdos, mas precisava ser ponte de humanização, cidadania e ciência. No convívio com os estudantes privados de liberdade, percebi a falta de alternativas integradoras que unissem conhecimento científico, reflexão crítica e ressocialização. Dessa lacuna surgiu a motivação para criar um espaço vivo de transformação.

A base legal dava respaldo — a Lei de Execução Penal (Lei nº 7.210/1984) e a Resolução nº 02/2010 do MEC asseguram o direito à educação em prisões —, mas o que me movia era

maior: permitir que homens tantas vezes reduzidos ao estigma de “criminosos” se reconhecessem como sujeitos de direitos e produtores de saber. Como professor de Química, sentia a urgência de propor práticas em que os internos fossem protagonistas, e, ao compartilhar essa visão com a equipe pedagógica, nasceu a Feira de Ciências: um espaço que integrava ciência e cotidiano, sempre marcado pela inclusão e pela busca por dignidade.

Guardo na memória a emoção da primeira edição, em 2021, quando ousamos realizar a primeira Feira de Ciências em uma unidade prisional de regime fechado no mundo, pioneira também no Brasil. O tema foi “A transversalidade da ciência, tecnologia e inovações para o planeta”, e ver os estudantes conectando a realidade do cárcere a problemas globais foi um marco. Era como se o mundo, por um instante, olhasse para dentro dos muros.

Nas edições seguintes, a feira foi se consolidando como prática transformadora. Em 2022, o tema “Bicentenário da Independência: 200 anos de ciência, tecnologia e inovação no Brasil” mostrou que a ciência podia ser instrumento de cidadania e melhorias concretas dentro da unidade. Em 2024, com “Biomassas do Brasil: diversidade, saberes e tecnologias sociais”, surgiram projetos de hortas, reaproveitamento de resíduos e debates sobre sustentabilidade, fortalecendo vínculos entre escola, prisão e comunidade. Já em 2025, com “*Planeta Água: a cultura oceânica para enfrentar as mudanças climáticas no meu território*”, a água — tão controlada dentro do cárcere — se tornou símbolo de vida e resistência. Com a chegada da Ciência Móvel, vimos os internos relacionarem o cotidiano restrito aos grandes desafios ambientais, em uma das experiências mais significativas do percurso.

Ao revisitar esse caminho, compreendo que a Feira de Ciências não foi apenas uma sequência de eventos, mas um movimento de reconstrução coletiva. Cada edição representou um passo firme na construção de uma prática de educação científica em prisões, que promoveu protagonismo, cidadania e dignidade. Mais do que ensinar ciência, a feira mostrou que transformar é possível mesmo nos espaços mais marcados pela exclusão — e que, entre grades e muros, a educação pode florescer como ato de resistência e liberdade.

2. ENTRE SONHOS, METAS E TRANSFORMAÇÕES...

2.1 Objetivo Geral

Quando idealizei a Feira de Ciências, não pensei apenas em montar um evento escolar, mas em construir uma experiência humanizadora dentro do cárcere. Meu objetivo central foi transformar a ciência em ferramenta de esperança e dignidade, oferecendo aos estudantes

internos a chance de acreditar novamente em si mesmos. Mais do que exposição de trabalhos, a feira se consolidou como espaço de cooperação, reconstrução de trajetórias e recomposição das aprendizagens em Ciências da Natureza, afirmando a escola como lugar de reintegração social e de ressignificação da vida.

2.2 Objetivos Específicos

Ao longo da prática, tracei metas que nasceram tanto das demandas institucionais quanto das minhas inquietações como professor. Entre elas, busquei:

- Fomentar a cultura científica no cárcere, incentivando a criação de projetos que unissem teoria e prática e mostrassem que a ciência podia atravessar muros e transformar vidas;
- Desenvolver habilidades de pesquisa, pensamento crítico e protagonismo, para que os estudantes deixassem de ser ouvintes e passassem a ser autores de seus percursos de aprendizagem;
- Favorecer a recomposição das aprendizagens em Química, Física, Biologia e Matemática, a partir da investigação de problemas concretos, ressignificando conteúdos antes vistos como inalcançáveis;
- Fortalecer a interação e a cooperação entre estudantes internos, equipe da unidade e comunidade externa, reconhecendo o diálogo e o respeito como pilares de transformação social;
- Estimular práticas de educação não formal e formação para o trabalho na EJA, ampliando competências técnicas e socioemocionais voltadas à reinserção social e profissional;
- Promover cidadania e ressocialização, articulando ética, direitos humanos e valorização dos resultados para além dos muros, de modo a romper estigmas e afirmar os internos como sujeitos de direitos;
- Incentivar a reflexão crítica sobre a História e a Natureza da Ciência, mostrando que o conhecimento é processo humano, cheio de tentativas e avanços, essencial para formar cidadãos criativos e críticos.

Esses objetivos, que nasceram tanto das necessidades institucionais quanto das inquietações que me movem como professor, precisavam ganhar corpo em ações concretas. Mais do que metas no papel, tornaram-se horizontes de caminhada, pontos de partida para experiências que envolviam estudantes, professores, equipe técnica e até a comunidade externa. Para tornar

visível esse percurso — entre o que sonhamos e o que construímos — organizei um quadro que sintetiza como cada objetivo se desdobrou em estratégias práticas e quais impactos esperávamos alcançar.

Quadro 1 – Entre sonhos e práticas: objetivos, estratégias e impactos.

Objetivo Específico	Estratégia Utilizada	Impacto Esperado
Fomentar a cultura científica no cárcere.	Incentivar a criação de projetos conectados ao cotidiano prisional e a temas globais.	Construção de uma visão crítica da ciência como ferramenta de transformação social.
Desenvolver habilidades de pesquisa, pensamento crítico e protagonismo.	Grupos de estudo, oficinas investigativas e orientação docente contínua.	Estudantes atuando como protagonistas e autores de seus próprios projetos.
Favorecer a recomposição das aprendizagens em Ciências da Natureza.	Retomada de conceitos básicos aplicados em projetos concretos.	Superação de defasagens escolares e fortalecimento do raciocínio lógico-científico.
Fortalecer a interação e a cooperação.	Criação de espaços de diálogo entre internos, profissionais e comunidade externa.	Valorização do respeito, do trabalho em equipe e da cooperação.
Estimular práticas de educação não formal e formação para o trabalho.	Projetos com reaproveitamento de materiais, hortas comunitárias e soluções criativas.	Ampliação de competências técnicas e socioemocionais para a reinserção social.
Promover cidadania e ressocialização.	Inserção da ética e dos direitos humanos como eixo transversal.	Reconhecimento dos internos como sujeitos de direitos e saberes.
Incentivar a reflexão crítica sobre a História e a Natureza da Ciência.	Discussão sobre o caráter histórico, cultural e humano da ciência.	Formação de uma visão humanizada e crítica da ciência, próxima à vida cotidiana.

Fonte: Dados do autor (2025).

3. OS CAMINHOS QUE SEGUIMOS...

3.1 Abordagem Metodológica

Viver a Feira de Ciências dentro de uma escola pública estadual situada em uma unidade prisional foi, para mim, muito mais do que uma experiência pedagógica: foi um exercício de resistência e de reinvenção do espaço escolar. A iniciativa foi desenvolvida em uma escola referência da rede estadual no ano de 2025. Os protagonistas foram os estudantes internos da EJA Regular e da EJA Técnica em Logística (integrada ao Ensino Médio), acompanhados pela equipe pedagógica, professores de diferentes áreas do conhecimento e demais profissionais da unidade.

Em 2025, a Feira de Ciências envolveu 12 turmas, sendo 7 do Ensino Fundamental (da 1ª à 8ª etapa) e 5 do Ensino Médio (da 1ª à 3ª etapa), incluindo o curso técnico integrado em Logística. Participaram aproximadamente 300 estudantes internos, distribuídos em grupos de 3 a 5 integrantes, com cada turma organizando entre 4 e 5 grupos de trabalho. Cada sala de aula tornou-se um espaço de experimentação, onde a ciência deixou de ser abstrata e passou a ser vivida: conceitos de Ciências, Química, Física, Biologia e Matemática foram aplicados em experimentos simples, cálculos, gráficos e análises do cotidiano prisional. Todos os trabalhos foram desenvolvidos em sala de aula de forma interdisciplinar (**Anexo – Figura 1**).

Como parte do percurso metodológico, incluímos a aplicação de questionários diagnósticos e finais em Ciências da Natureza (Química, Física, Biologia e Ciências do Ensino Fundamental), articulados à Matemática, com o objetivo de avaliar a recomposição das aprendizagens ao longo da prática, contemplando os objetos de conhecimento trabalhados durante o processo. Esses instrumentos permitiram comparar avanços conceituais e identificar como os estudantes aplicaram os conteúdos em situações concretas do cotidiano prisional.

Desde o início, seguimos os princípios da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011), que me ajudaram a ver cada estudante como protagonista do processo. Não queria que fossem ouvintes passivos, mas autores de suas próprias descobertas. Em fevereiro de 2025, junto à direção da unidade e da escola e às equipes pedagógica e psicossocial, construímos o planejamento participativo, definindo estratégias e cronogramas para garantir a realização da feira mesmo em meio às limitações materiais.

A culminância aconteceu em agosto de 2025, quando o pátio da unidade se transformou em um grande espaço expositivo (**Anexo – Figura 2**). Cada grupo escolheu dois estudantes representantes para apresentar o trabalho, e assim vi internos em regime fechado deixarem as salas de aula e defenderem seus projetos diante de colegas, familiares e convidados externos. Foi simbólico: o conhecimento rompeu as paredes da prisão e ganhou reconhecimento público. E a feira não se encerrou no evento — até dezembro, os projetos mais promissores foram retomados, aprimorados e alguns começaram a ser implementados em maior escala, como hortas comunitárias, ações de reaproveitamento de resíduos e propostas para o uso racional da água.

3.2 Etapas da Prática

A Feira de Ciências foi construída em etapas, cada uma carregada de significados e aprendizados. Não era apenas cumprir um cronograma, mas criar experiências em que os internos se reconhecessem como parte de algo maior:

- **Questionário Diagnóstico:** aplicado antes do início das atividades, para mapear conhecimentos prévios em Ciências da Natureza e Matemática e identificar as principais defasagens de aprendizagem;
- **Concurso da Logomarca:** símbolo inicial do pertencimento, quando os estudantes expressaram em desenhos a identidade da feira. A logomarca vencedora foi estampada

nas camisas e materiais, fortalecendo o orgulho coletivo;

- **Planejamento Participativo:** rodas de conversa e oficinas para a escolha dos temas, sempre relacionando a realidade prisional a questões globais, como direitos humanos, meio ambiente e cidadania;
- **Desenvolvimento de Projetos Interdisciplinares:** cerca de 50 projetos foram elaborados em grupos orientados por dois professores (um da área comum e outro da área de ciências da natureza), com registros, protótipos improvisados e discussões coletivas sobre aplicabilidade. A investigação científica foi vivida como ciclo completo — da observação à análise;
- **Culminância no Pátio Externo:** o espaço rígido da prisão foi transformado em ambiente de exposição científica, aberto à visita de colegas internos, professores, familiares e representantes da comunidade externa;
- **Apresentação e Banca Avaliadora:** os projetos foram defendidos oralmente e avaliados por mestres e doutores, em análises críticas que legitimaram a produção científica dos estudantes;
- **Questionário Final:** reaplicado após a culminância, possibilitou medir os avanços conceituais e comparar os resultados com o diagnóstico inicial;
- **Seleção e Implementação:** cinco projetos foram escolhidos para aplicação prática na unidade, demonstrando que a ciência podia transformar, mesmo em pequena escala, a realidade local;
- **Avaliação Contínua:** o processo não terminou na feira. Promovemos autoavaliações e reflexões que ajudaram os estudantes a desenvolver autonomia e resiliência, reafirmando a educação científica como prática de liberdade.

3.3 Reflexões Pessoais e Expectativas

Desde o início, sonhei que a Feira de Ciências fosse muito mais do que uma atividade expositiva: queria que fosse um processo formativo, capaz de recompor aprendizagens em Ciências da Natureza e, ao mesmo tempo, devolver dignidade em um espaço tão marcado pela exclusão. Vi esse sonho se concretizar em gestos e olhares: estudantes antes desmotivados se engajaram; grupos em conflito aprenderam a cooperar; até os mais resistentes passaram a olhar a escola de outro modo.

Diante das limitações materiais e da rotatividade dos internos foi necessário adotar

intervenções constantes ao longo do processo. Adotamos intervenções como a improvisação de materiais e a reorganização de grupos, garantindo o alinhamento da prática aos objetivos e sua culminância como experiência formativa e transformadora.

A 4ª edição, em 2025, com o tema “*Planeta Água: a cultura oceânica para enfrentar as mudanças climáticas no meu território*”, foi a mais simbólica. Ali, os internos relacionaram a água — tão controlada dentro da prisão — às grandes questões ambientais globais. A chegada da Ciência Móvel trouxe oficinas interativas que ampliaram horizontes e confirmaram um salto qualitativo: estudantes mais confiantes, seguros em suas falas e convictos de que, mesmo atrás das grades, podiam propor soluções para o mundo.

Compreendi, no percurso, que o mais importante nunca foi o dia da feira, mas o processo que o antecedeu: as idas e vindas, as discussões, os erros e acertos. Esse caminho foi, em si, ato de resistência e de construção de conhecimento. Vi-os amadurecer intelectualmente e também emocionalmente, reconhecendo-se como pesquisadores e sujeitos de direitos.

Os projetos, nascidos de problemas cotidianos — lixo, água, reaproveitamento de materiais, convivência — mostraram que a ciência podia ser feita com garrafas PET, sucatas e criatividade. Era a Química, a Física, a Biologia e a Matemática deixando de ser abstrações para se tornarem experiências concretas, significativas.

A culminância, no pátio, foi sempre o ápice: ver um pai, uma mãe ou um filho ouvindo com orgulho o interno explicar seu projeto era testemunhar a reconstrução de laços. Ali, muitas vezes pensei em Paulo Freire e na prática da liberdade que se fazia real. Mais do que prêmios ou reconhecimento, o que ficou foi à certeza de que a ciência atravessou os muros, transformou vidas e mostrou que educar, mesmo em prisões, é plantar esperança.

3.4 E a Construção do Conhecimento, onde que fica?

Sempre me perguntei: e a construção do conhecimento, onde que fica, afinal? A Feira de Ciências me mostrou que ela não estava restrita à Química, à Física, à Biologia ou à Matemática, mas no diálogo entre todas as disciplinas. Foi essa costura interdisciplinar que deu sentido pedagógico e relevância social aos projetos desenvolvidos pelos estudantes internos.

Nesse caminho, a Geografia ajudou a analisar os usos da água e as mudanças climáticas; a História trouxe reflexões sobre justiça social e direito à água; a Sociologia problematizou

desigualdades e estigmas; a Filosofia abriu debates sobre ética ambiental e responsabilidade coletiva. A Língua Portuguesa esteve em cada etapa, da escrita dos relatórios à oralidade nas apresentações, enquanto o Inglês ampliou repertórios ao aproximar artigos internacionais. A Arte, a Educação Física e a Tecnologia também se fizeram presentes, mostrando que até no cárcere é possível criar, refletir e inovar.

A Matemática, porém, foi uma das maiores revelações. Nos experimentos de Química, ela apareceu nas proporções e concentrações; na Física, deu corpo a cálculos de pressão, densidade e gráficos de relações entre grandezas; na Biologia e na Estatística, organizou dados, revelou padrões e deu suporte para propor soluções concretas. Em diálogo ampliado, a Matemática se conectou à Geografia, à Economia e até à Língua Portuguesa, oferecendo sustentação aos relatórios e às falas dos internos.

Foi nesse entrelaçar de áreas que a construção do conhecimento aconteceu de verdade: no cálculo de densidade que dialogava com o reaproveitamento da água; no gráfico que sustentava debates sobre desigualdade social; na logomarca colorida que transformava ciência em pertencimento. Percebi que aprender, ali, não era acumular conceitos, mas ressignificar saberes e dar a eles um sentido vital — mesmo em meio a grades e muros.

3.5 Quando os Objetivos Viram Caminhos Concretos

Na Feira de Ciências, aprendi que os objetivos só ganham vida quando se transformam em práticas. Cada meta que tracei se materializou em estratégias construídas junto aos estudantes internos e resultou em impactos visíveis — dentro da sala, no pátio da prisão e, principalmente, na forma como eles passaram a se olhar e a olhar o mundo. O quadro a seguir sintetiza esse percurso: Do que Sonhamos ao que Vimos Acontecer.

Quadro 2 - Do que Sonhamos ao que Vimos Acontecer

O que buscávamos	Como colocamos em prática	O que vimos acontecer
Fomentar a cultura científica no cárcere.	Incentivamos a criação de projetos que unissem teoria e prática, conectados tanto ao cotidiano prisional quanto a questões globais.	Vi nascer uma nova visão da ciência: não como algo distante, mas como ferramenta de transformação social.
Desenvolver habilidades de pesquisa, pensamento crítico e protagonismo.	Organizamos grupos de estudo, oficinas investigativas e acompanhamento contínuo dos professores.	Os estudantes deixaram de ser ouvintes: se tornaram autores de seus próprios projetos, apresentando com orgulho suas descobertas.
Favorecer a recomposição das aprendizagens em Ciências da Natureza.	Retomamos conceitos básicos de Química, Física, Biologia e Matemática a partir de problemas concretos escolhidos pelos próprios internos.	Acompanhei a superação de defasagens escolares e o fortalecimento do raciocínio lógico-científico, com avanços que muitos julgavam impossíveis.
Fortalecer a interação e a cooperação.	Criamos espaços de diálogo entre estudantes internos, professores, equipe técnica e comunidade externa.	O respeito e o trabalho em equipe floresceram, mostrando que aprender juntos também é forma de ressocialização.
Estimular práticas de educação	Promovemos projetos voltados ao reaproveitamento de materiais, hortas	Vi crescer competências técnicas e socioemocionais,

não formal e de formação para o trabalho.	comunitárias e soluções criativas para o dia a dia da prisão.	fundamentais para quem deseja reconstruir sua vida fora dos muros.
Promover cidadania e ressocialização.	Trouxemos a ética e os direitos humanos como eixo transversal nos projetos científicos.	Os internos se reconheceram como sujeitos de direitos, capazes de projetar novos caminhos de vida.
Divulgar e valorizar os resultados para além dos muros.	Organizamos apresentações para familiares, comunidade externa e autoridades educacionais.	Percebi a quebra de estigmas: a sociedade, ao ver os trabalhos, passou a reconhecer a escola prisional como espaço legítimo de produção de conhecimento.
Incentivar a reflexão crítica sobre a História e a Natureza da Ciência.	Debatemos o caráter histórico, cultural e humano do fazer científico.	Os estudantes compreenderam que a ciência é feita de tentativas e erros, mas também de sonhos e persistência — e que eles próprios podem fazer parte desse processo.

Fonte: Dados do autor (2025)

Mais do que apresentar trabalhos, a feira mostrou como conseguimos articular diferentes áreas, especialmente a Matemática, às Ciências da Natureza. É importante destacar que, atualmente, não há currículo específico da EJA para o Ensino Médio na rede estadual; existe apenas para o Ensino Fundamental. Todavia, utilizamos o currículo do Ensino Regular, adaptado segundo as diretrizes da EJA (GEEJA/2025) e em consonância com o Plano Estadual de Educação para Pessoas Privadas de Liberdade e Egressas do Sistema Prisional (SEJUS, 2024), garantindo que os conteúdos fossem significativos e contextualizados à realidade dos estudantes privados de liberdade. Para evidenciar esses diálogos e adaptações, organizei no quadro seguinte os principais objetos de conhecimento do Currículo da SEDU, as conexões matemáticas realizadas, as habilidades desenvolvidas e as competências da BNCC mobilizadas durante a prática:

Quadro 3 – Integrações entre Ciências da Natureza e Matemática: objetos de conhecimento do Currículo da SEDU, habilidades e competências da BNCC.

Área de Ciências da Natureza	Objeto de Conhecimento Abordado	Conexões Matemáticas	Habilidades Desenvolvidas	Competências BNCC Relacionadas
Ciências (Ensino Fundamental)	Saúde, higiene, sustentabilidade, preservação da água e do meio ambiente; relações entre seres vivos e ambiente.	Leitura de gráficos e tabelas simples; medidas de volume e consumo de água; proporções em situações do cotidiano prisional.	Observar fenômenos do cotidiano; registrar dados em tabelas; interpretar informações quantitativas para propor soluções práticas.	CN 1 – Compreender fenômenos naturais e tecnológicos a partir da observação e experimentação, utilizando registros matemáticos.
Química	Propriedades da água, soluções, separação de misturas, tratamento e purificação da água.	Proporções e regras de três para cálculo de concentração; porcentagens na análise de pureza; cálculos de massa, volume e quantidade de reagentes.	Aplicar cálculos matemáticos em contextos experimentais; interpretar resultados numéricos; propor soluções fundamentadas em dados.	CN 2 – Utilizar conhecimentos da Química para interpretar fenômenos naturais e propor soluções, articulando com cálculos matemáticos.
Física	Pressão, densidade, energia mecânica, ciclo da água, impactos das mudanças climáticas no ambiente físico.	Cálculos de pressão e densidade utilizando fórmulas matemáticas; análise gráfica de variação de pressão e volume; relações entre grandezas físicas.	Utilizar fórmulas matemáticas para interpretar fenômenos físicos; elaborar e interpretar gráficos; resolver problemas práticos do cotidiano prisional.	CN 3 – Analisar e utilizar conceitos da Física para explicar fenômenos e processos tecnológicos, aplicando linguagem matemática.
Biologia	Biomassas aquáticas, biodiversidade marinha, ciclo da água, preservação de recursos hídricos.	Estatística básica para levantamento de dados populacionais; gráficos para representar biodiversidade e impactos ambientais; proporções em cadeias alimentares simuladas.	Organizar e analisar dados quantitativos; representar informações em gráficos e tabelas; relacionar números a contextos socioambientais.	CN 4 – Investigar ecossistemas e biodiversidade, articulando conhecimentos biológicos com análise estatística e raciocínio matemático.

Fonte: Dados do autor (2025)

Ao revisitar esse percurso, percebi que a Matemática — tantas vezes temida — se tornou linguagem de apoio para compreender fenômenos químicos, físicos e biológicos. Estudantes que antes se diziam “ruins de número” se descobriram capazes de calcular, interpretar gráficos, organizar tabelas e relacionar dados com a vida real. Essa articulação interdisciplinar mostrou que o conhecimento não é feito de caixinhas isoladas, mas de pontes. Dentro da prisão, onde tantas vezes o futuro parece interdito, essas conexões abriram horizontes: ensinaram que aprender ainda é possível e que o saber, quando compartilhado, pode transformar até os espaços mais improváveis.

4. O QUE APRENDEMOS E TRANSFORMAMOS NA CAMINHADA...

4.1 Aprendizagem e recomposição de saberes

A realização da Feira de Ciências dentro da escola prisional possibilitou uma retomada significativa das aprendizagens, especialmente em Ciências da Natureza e Matemática. Muitos estudantes internos chegaram ao projeto com trajetórias marcadas por exclusão e defasagens históricas, mas a feira, ao integrar teoria e prática, tornou-se espaço de recomposição desses saberes.

Na disciplina de Ciências, especialmente no Ensino Fundamental, temas como saúde, meio ambiente e sustentabilidade ganharam corpo em experimentos simples e observações do cotidiano prisional, aproximando os estudantes dos conceitos científicos de forma concreta. Na Química, cálculos de proporção ganharam sentido no preparo de soluções e experimentos de purificação da água. Na Física, conceitos como pressão e densidade deixaram de ser abstratos quando experimentados em protótipos improvisados com garrafas PET. Já a Biologia se materializou em maquetes e análises de dados sobre biomas aquáticos e biodiversidade. Em todas essas áreas, a Matemática foi o fio condutor, conectando fórmulas, cálculos e gráficos à realidade dos projetos.

A estatística também ganhou protagonismo: os estudantes coletaram dados sobre consumo e desperdício de água, organizaram em tabelas e gráficos e, assim, puderam visualizar padrões e validar hipóteses. A disciplina deixou de ser isolada e passou a ser vivida como ferramenta para interpretar o cotidiano.

Essas práticas mostraram que a recomposição não ocorreu apenas no domínio de conteúdos, mas no fortalecimento do raciocínio lógico-científico. Estudantes que antes diziam “não sei

fazer conta” passaram a resolver problemas de proporção e porcentagem com segurança, porque viam sentido nos números. Assim, a Feira de Ciências se configurou como currículo vivo: uniu conceitos fragmentados em experiências concretas e, sobretudo, devolveu confiança a muitos estudantes, rompendo com a crença de que estavam condenados ao fracasso escolar.

4.2 Protagonismo e engajamento

O protagonismo estudantil foi um dos resultados mais significativos. Desde o início, ao escolherem os temas de pesquisa, os internos sentiram-se ouvidos e respeitados. Homens antes silenciosos passaram a defender ideias, propor soluções e debater com os colegas, transformando a sala de aula em espaço de diálogo e criação coletiva.

Nos grupos de investigação científica, deixaram de ser receptores passivos e se tornaram sujeitos ativos: definiam problemas, métodos e cronogramas, testavam hipóteses e construíam protótipos. Essa mudança fortaleceu a autoestima e mostrou que também eram capazes de produzir ciência dentro da prisão.

A quebra de estigmas internos foi evidente. Muitos, que se viam como incapazes, passaram a assumir novas identidades — de estudantes, pesquisadores e cidadãos em processo de reintegração. Esse reconhecimento foi divisor de águas em suas trajetórias. Desse modo, o engajamento se refletiu no número expressivo de projetos: mais de 50 grupos, envolvendo cerca de 300 estudantes. A feira deixou de ser atividade opcional e tornou-se espaço desejado, mobilizando afetos, curiosidade e criatividade.

Por fim, a escola prisional passou a ser vista não como obrigação, mas como oportunidade. O protagonismo transformou a educação de um recurso paliativo em processo formativo, capaz de gerar pertencimento, despertar vocações e abrir novos projetos de vida.

4.3 Impactos sociais e pedagógicos

A prática gerou impactos que ultrapassaram a dimensão pedagógica. Muitos projetos dialogaram com problemas concretos da prisão, como hortas comunitárias que melhoraram a alimentação, iniciativas de reaproveitamento de resíduos e propostas para otimizar o uso da água. Essas práticas mostraram que a ciência pode ser aliada no enfrentamento de desafios cotidianos e revelaram aos internos a utilidade prática do conhecimento escolar, fortalecendo o engajamento nos estudos.

Socialmente, a feira promoveu um encontro simbólico entre o dentro e o fora. A presença de familiares, comunidade externa e autoridades educacionais ampliou horizontes e fortaleceu vínculos, rompendo barreiras afetivas e combatendo o estigma. Ver pais e mães emocionados diante de seus filhos apresentando projetos foi prova de que a educação também reconstrói laços. Nessa perspectiva, o impacto alcançou ainda os profissionais da unidade. Monitores de ressocialização (agentes penitenciários) e polícias penais, antes céticos, passaram a reconhecer o valor da iniciativa ao presenciarem a seriedade e o empenho dos internos, o que gerou maior respeito pelo papel da escola no processo de ressocialização.

Pedagogicamente, a feira consolidou-se como estratégia interdisciplinar e formativa, aproximando os conteúdos das demandas reais dos estudantes da EJA em prisões e reafirmando a educação científica como prática de transformação social.

4.4 Discussão teórica e dimensões formativas

Os resultados da Feira de Ciências confirmam a relevância de metodologias participativas no cárcere. Ao adotar os princípios da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011), não apenas ensinamos conteúdos, mas envolvemos os internos em um processo contínuo de aprendizagem, em que cada etapa foi vivida como experiência formativa.

Esse movimento dialoga com o que Freire (1996) chama de prática da liberdade: educação como espaço de diálogo e transformação. Vi isso acontecer quando os internos, ao defenderem seus projetos, deixaram de se ver como receptores e passaram a se reconhecer como autores de conhecimento.

A perspectiva descolonizadora e antirracista da educação científica (GOMES; LORENZETTI; AIRES, 2022) também esteve presente: a feira mostrou que é possível articular saberes locais e realidade prisional sem abrir mão do rigor científico, produzindo conhecimento situado e legítimo. Além disso, o evento promoveu letramento acadêmico e científico (LEA; STREET, 1998): os internos aprenderam conteúdos, mas também escreveram relatórios, organizaram dados, construíram argumentos e defenderam publicamente suas ideias, desenvolvendo competências essenciais de leitura, escrita e oralidade.

Por fim, a feira possibilitou ressignificação identitária: os internos se reconheceram como sujeitos de direitos, pesquisadores e produtores de saber. Essa mudança rompe com estigmas e reafirma a educação como prática humanizadora.

4.5 Síntese da transformação

O maior resultado da Feira não esteve apenas nos experimentos ou soluções propostas, mas nas transformações vividas pelos estudantes internos. Vi homens antes tímidos apresentarem seus projetos com orgulho diante de familiares; grupos desorganizados aprenderem a cooperar; e indivíduos desacreditados se redescobrirem como capazes de aprender e ensinar.

Essas mudanças subjetivas, difíceis de quantificar, mostram que a educação prisional vai além da certificação: é espaço de reconstrução de identidades e de ressignificação da vida. A feira tornou-se um marco de pertencimento e dignidade, em que cada participante pôde experimentar reconhecimento e valorização de suas capacidades.

O impacto também alcançou a comunidade escolar e a sociedade. Professores redescobriram o valor de suas práticas; familiares se emocionaram ao ver seus filhos apresentando com segurança; e agentes penitenciários, antes céticos, passaram a reconhecer o papel da educação no processo de ressocialização. Assim, o tema “Planeta Água” simbolizou esse amadurecimento. A água, recurso controlado no cárcere, foi associada às grandes questões ambientais globais, revelando que, mesmo privados de liberdade, os internos eram capazes de pensar criticamente sobre problemas planetários.

Para dar visibilidade a esse alcance, organizei os resultados em uma síntese que reúne indicadores quantitativos e transformações qualitativas.

Quadro 4 - Resultados da Feira de Ciências: Entre Números e Narrativas

Dimensão	Indicadores Quantitativos	Transformações Qualitativas
Participação	12 turmas envolvidas (7 de Ensino Fundamental e 5 de Ensino Médio); cerca de 300 estudantes internos participantes.	Estudantes internalizaram a escola como espaço de pertencimento e protagonismo.
Produção científica	Aproximadamente 50 projetos interdisciplinares desenvolvidos e apresentados.	Projetos conectados ao cotidiano prisional e a problemas globais (água, resíduos, biodiversidade).
Engajamento pedagógico	100 monitores atuaram como apresentadores; professores de todas as áreas do currículo envolvidos.	Estudantes deixaram de ser ouvintes e assumiram o papel de autores de conhecimento.
Recomposição de aprendizagens	Recuperação de conceitos básicos em Ciências, Química, Física, Biologia e Matemática, aplicados em projetos concretos.	A Matemática foi ressignificada como ferramenta de análise, cálculos e interpretação de dados.
Impacto social	5 projetos selecionados para implementação prática na unidade (hortas, reaproveitamento de resíduos, uso racional da água).	Reconhecimento dos internos como sujeitos de direitos; fortalecimento de vínculos com familiares e comunidade externa.
Avaliação e reconhecimento	Banca avaliadora composta por mestres e doutores; prêmios em duas categorias (avaliadores e visitantes).	Legitimação da produção científica dos internos; valorização social da educação prisional.
Dimensão simbólica	Feira realizada em espaço aberto do pátio da prisão, rompendo os limites das salas de aula.	Experiência reconhecida como prática de liberdade (FREIRE, 1996) e ato político-pedagógico de resistência.

Fonte: Dados do autor (2025)

Ao olhar para esses dados, percebo que os números contam apenas parte da história. Mais do

que 300 estudantes e 50 projetos, foram trajetórias ressignificadas, tentativas de romper com o estigma e de mostrar que a ciência pode florescer entre muros. Cada indicador carrega significados que transcendem a estatística: o estudante tímido que descobriu sua voz, o grupo que transformou resíduos em solução sustentável, o pai que viu no filho um pesquisador. Esses testemunhos mostram que a educação, quando humanizada, produz conhecimento, dignidade e esperança, mesmo em espaços de privação de liberdade.

4.6 Construção dos indicadores de aprendizagem

Para compreender os efeitos formativos da Feira de Ciências, utilizamos uma combinação de instrumentos: questionários diagnósticos aplicados antes e depois da feira, registros da equipe pedagógica e avaliação final da banca de mestres e doutores. Essa triangulação garantiu que os resultados fossem baseados em evidências, não apenas em percepções isoladas.

4.6.1 Participação e engajamento

A feira envolveu 12 turmas (7 do Ensino Fundamental e 5 do Ensino Médio), totalizando cerca de 300 estudantes internos. Foram apresentados aproximadamente 50 projetos interdisciplinares, mobilizando todas as áreas do currículo, com destaque para Ciências da Natureza (**Anexo - Gráfico 1**). Esse dado revelou não apenas adesão quantitativa, mas também mudança qualitativa: os estudantes passaram a reconhecer a escola como espaço de pertencimento e protagonismo. Muitos relataram que foi a primeira vez que sentiram orgulho de expor algo produzido por eles.

4.6.2 Recomposição das aprendizagens

Os questionários mostraram avanços expressivos. Na Química, a aplicação correta de cálculos de concentração saltou de 32% para 71%; na Física, a compreensão de densidade e pressão evoluiu de 28% para 66%; em Biologia, o entendimento sobre ciclos da água e biodiversidade foi de 35% para 74%; e, em Ciências (Ensino Fundamental), o domínio sobre temas básicos como propriedades da água, ciclo da vida e saúde ambiental passou de 30% para 68% (**Anexo - Gráfico 2**). Esses resultados mostram que a prática científica favoreceu a recomposição de saberes, porque os conceitos deixaram de ser abstratos e foram aplicados em situações concretas do cotidiano prisional. Esse avanço dialoga diretamente com o Pacto Nacional pela Alfabetização e pela Educação de Jovens e Adultos (PNAEJA), uma vez que evidencia a importância de consolidar competências de leitura, escrita e raciocínio lógico nas etapas iniciais

da EJA, garantindo que a alfabetização científica seja parte indissociável do processo formativo e da construção da cidadania.

4.6.3 Produção científica e impacto social

Entre os 50 trabalhos apresentados, 5 foram selecionados para implementação prática dentro do cárcere: hortas comunitárias, reaproveitamento de resíduos, filtragem de água, redução do desperdício e reaproveitamento de embalagens (**Anexo - Gráfico 3**). Essas iniciativas, mais que resultados técnicos, geraram reconhecimento social: familiares e convidados relataram orgulho em ver os internos apresentarem ciência com seriedade, rompendo estigmas e fortalecendo vínculos.

4.6.4 Avaliação da banca e legitimidade acadêmica

A banca avaliadora atribuiu notas em quatro critérios: domínio conceitual, aplicabilidade, criatividade e clareza. A média geral foi 7,8/10, com destaque para a dimensão comunicativa, na qual muitos surpreenderam pela segurança em explicar conceitos (**Anexo - Gráfico 4**). Esse reconhecimento acadêmico deu legitimidade à produção científica da escola prisional e reafirmou que o cárcere também pode ser espaço de geração de conhecimento.

4.6.5 Dimensão simbólica e formativa

Mais do que números, a Feira de Ciências representou um ato político-pedagógico de resistência. A culminância no pátio rompeu a rotina rígida da prisão e foi reconhecida pelos próprios estudantes-internos como uma experiência de liberdade. Ali, eles se redescobriram como capazes de aprender, comunicar e propor soluções, consolidando a feira como espaço interdisciplinar e formativo.

Ao observar as quatro edições realizadas entre 2021 e 2025, evidencia-se um processo de amadurecimento contínuo (**Anexo – Gráfico 5**). A primeira edição (2021) foi pioneira, mobilizando poucas turmas e revelando estudantes ainda inseguros, com apresentações iniciais e tímidas. Em 2022, houve maior envolvimento docente e crescimento no número de grupos, embora os projetos ainda apresentassem lacunas conceituais. Em 2024, a interdisciplinaridade se fortaleceu e surgiram iniciativas ligadas à sustentabilidade, aproximando a ciência da vida cotidiana no cárcere. Já em 2025, alcançou-se um ponto de maturidade.

Pela primeira vez, aplicamos instrumentos diagnósticos e finais que possibilitaram mensurar, de forma objetiva, os avanços na aprendizagem. Essa evolução evidencia que a Feira de Ciências deixou de ser uma ação pontual para se consolidar como uma prática pedagógica estruturada e contínua. Mais do que recompor saberes de forma sistemática, ela fortaleceu vínculos, ampliou a cooperação e consolidou o protagonismo dos estudantes internos — resultados que se materializam de forma clara no Quadro 5.

Quadro 5 – Comparativo das edições da Feira de Ciências (2021–2025)

Ano / Edição	Tema da Feira	Participação	Aprendizagem	Impacto Social e Simbólico
2021 – 1ª edição	A transversalidade da ciência, tecnologia e inovações para o planeta.	5 turmas (~100 estudantes).	Experimentos exploratórios, sem avaliação sistemática.	Primeira apresentação no pátio; reconhecimento interno inédito
2022 – 2ª edição	Bicentenário da Independência: 200 anos de ciência, tecnologia e inovação no Brasil.	8 turmas (~180 estudantes).	Avanços pontuais em Química e Biologia; fortalecimento da oralidade.	Inclusão de familiares como público; fortalecimento de vínculos afetivos.
2024 – 3ª edição	Biomassas do Brasil: diversidade, saberes e tecnologias sociais.	10 turmas (~250 estudantes); ~40 projetos.	Interdisciplinaridade consolidada; conteúdos ligados à sustentabilidade.	Primeiros projetos aplicados na unidade (hortas, resíduos, reaproveitamento).
2025 – 4ª edição	Planeta Água: a cultura oceânica para enfrentar as mudanças climáticas no meu território	12 turmas (~300 estudantes); ~50 projetos, 5 implementados.	Avanços mensuráveis: Química (32%→71%), Física (28%→66%), Biologia (35%→74%), Ciências EF (30%→68%).	Reconhecimento público com banca acadêmica; protagonismo consolidado; educação prisional legitimada como espaço científico.

Fonte: Dados do autor (2025)

5. PARA ALÉM DOS MUROS: O QUE FICA E O QUE FLORESCE...

Escrever estas linhas finais é revisitar cada olhar brilhando no meio da escuridão, cada mão erguida para defender um projeto, cada palavra que, dita com timidez ou firmeza, rompeu o silêncio das celas. A Feira de Ciências, dentro da prisão, não foi apenas um evento: foi o grito contido que encontrou saída, foi à vida insistindo em florescer onde todos apostavam no deserto.

O que vi diante de mim foram homens marcados pelo abandono se levantando como estudantes, pesquisadores, cidadãos. Vi cálculos de concentração feitos com lápis gasto se transformarem em declarações de confiança; vi protótipos de garrafas PET ganharem a força de invenções revolucionárias; vi maquetes simples sustentarem discursos críticos sobre meio ambiente e desigualdade. Cada projeto exposto não era só ciência: era uma biografia sendo reescrita diante de pais, mães, filhos e avaliadores.

O tema “Planeta Água”, foi à síntese desse movimento. Dentro de um espaço onde até a água é controlada, falar sobre ciclos, preservação e futuro era mais que atividade pedagógica: era metáfora viva de resistência. Ali, no pátio transformado em sala aberta, percebi que a prisão

deixava de ser apenas lugar de contenção para se tornar também espaço de criação. Vi que a educação, quando atravessa muros, é capaz de devolver dignidade e anunciar que outros caminhos são possíveis.

Hoje, ao encerrar este relato, trago comigo uma certeza: a Feira de Ciências foi, acima de tudo, uma **prática de liberdade**. Não liberdade de sair dos muros, mas liberdade de pensar, de sonhar, de se reconhecer como sujeito de saber. Foi escrevivência coletiva, tecida com lágrimas, descobertas, erros e conquistas. Foi à prova de que a escola, quando acredita nos seus estudantes — mesmo os mais invisibilizados —, pode se tornar um lugar de renascimento.

Se as grades limitam o corpo, a educação expande a alma. Se os muros se erguem para calar, a ciência abre caminhos para falar. E foi isso que presenciei: homens que, por um instante eterno, deixaram de ser apenas internos e se apresentaram como autores de futuro. Porque no cárcere, entre muros e chaves, aprendi uma lição que nunca vou esquecer: quando a ciência encontra a vida, até as prisões podem ser reinventadas como territórios de esperança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB nº 2, de 19 de maio de 2010**. Diretrizes Nacionais para a oferta de Educação para Jovens e Adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais. Diário Oficial da União, Brasília, 2010.

DEPEN – Departamento Penitenciário Nacional. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – INFOPEN**. Brasília: DEPEN, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Rodrigo da Vitória; LORENZETTI, Leonir; AIRES, Joanez Aparecida. Descolonizando a educação científica: reflexões e estratégias para a utilização da história da ciência e ciência, tecnologia e sociedade em uma abordagem decolonial. **Revista Brasileira de História da Ciência**, v. 15, n. 2, p. 437-450, 2022.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Feiras de Ciências e a construção do conhecimento científico escolar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LEA, Mary; STREET, Brian. Student Writing in Higher Education: An Academic Literacies Approach. **Studies in Higher Education**, v. 23, n. 2, p. 157-172, 1998.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Metodologias de Pesquisa em Educação**. Fortaleza: UFC, 2010.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. **Educação escolar entre as grades**. São Carlos: EDUFScar, 2007.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BUENO, Belmira Oliveira. **Avaliação em Educação: fundamentos, práticas e desafios**. Campinas: Papyrus, 2010.

SEJUS – Secretaria de Justiça do Estado do Espírito Santo. **Plano Estadual de Educação nas Prisões**. Vitória: SEJUS, 2024.

ANEXOS



Gráfico 1 - Participação por nível de ensino

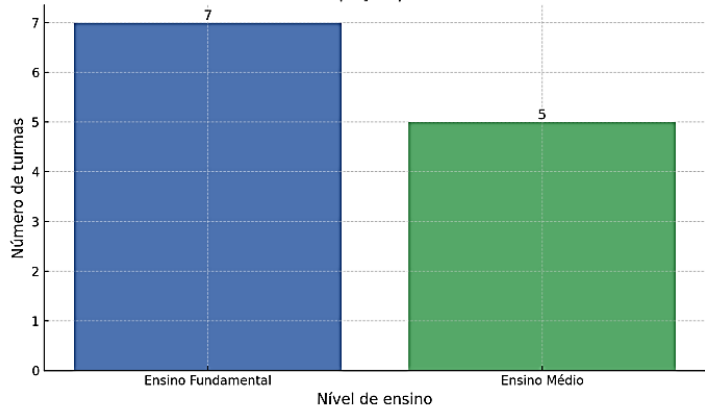


Gráfico 2 - Evolução da aprendizagem em Ciências da Natureza e Ciências (Fundamental)

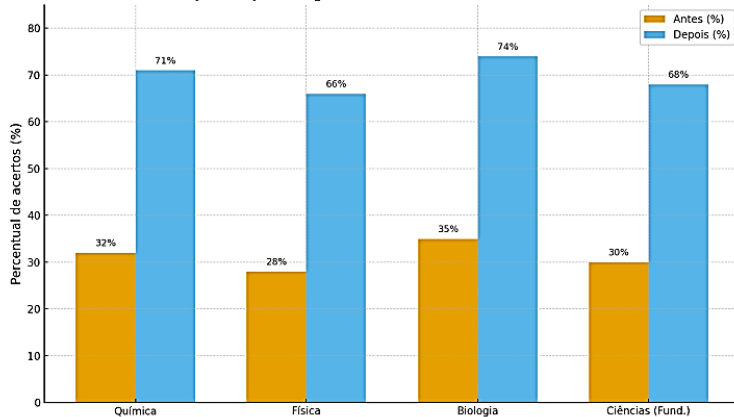


Gráfico 3 - Projetos desenvolvidos e selecionados por temática

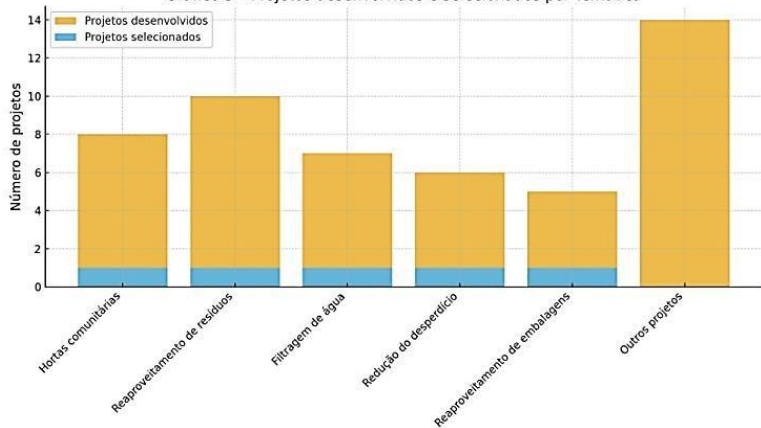


Gráfico 4 - Desempenho médio por critério de avaliação

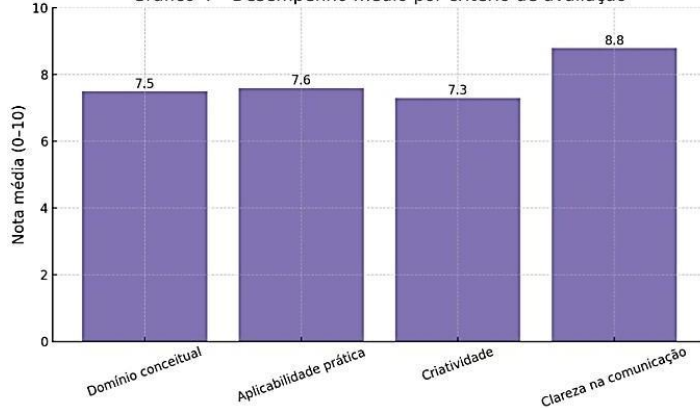


Gráfico 5 - Comparativo das edições da Feira de Ciências (2021-2025)

